

## **AS AVENTURAS DE KARL MARX CONTRA O DEUS DINHEIRO**

Alexandra Peixoto Viana  
Maria Angélica Peixoto  
Nildo Viana

Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Inhumas, Brasil  
Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Brasil

### **RESUMO**

O Deus Dinheiro é uma obra do artista espanhol Maguma que utiliza trechos bíblicos da Queda e passagens dos Manuscritos de Paris, de Karl Marx. Através desse processo criativo ele produz uma narrativa quadrinizada supostamente inspirada na teoria marxista do capitalismo, da alienação e do fetichismo. O objetivo foi analisar quais concepções e mensagens se manifestam na narrativa quadrinizada de O Deus Dinheiro. Para efetivar esse objetivo de compreender narrativa quadrinizada de Maguma em O Deus Dinheiro e sua mensagem, partimos da análise social dos quadrinhos fundamentada no método dialético e materialismo histórico. Assim, narrativa quadrinizada foi contextualizada social e historicamente, bem como analisamos a mensagem repassada por ele. A identificação da mensagem foi realizada a partir da análise dialética que insere os fenômenos na universo ficcional e suas partes constitutivas, buscando descobrir o significado do discurso, das imagens, da narrativa ficcional. Nesse sentido, os conceitos de fetichismo, alienação, capitalismo, valores, dinheiro, consumismo, entre outros, foram fundamentais para a análise da obra de Maguma. Através da análise do título da obra, dos trechos selecionados de Marx, das ilustrações de Maguma, chegamos à conclusão de que sua obra é uma interpretação equivocada da análise de Marx sobre o dinheiro e que inverte a concepção deste pensador.

**PALAVRAS-CHAVE:** Capitalismo; Fetichismo; Dinheiro; Narrativa quadrinizada, interpretação.

O Deus Dinheiro é uma obra Maguma, artista espanhol, que utiliza trechos bíblicos da Queda e passagens dos *Manuscritos de Paris*, de Karl Marx, visando realizar uma discussão sobre o dinheiro e seu significado na sociedade moderna a partir da concepção marxista. Para atingir tal objetivo, ele realiza uma narrativa quadrinizada que tem como referência a teoria marxista do capitalismo, da alienação e do fetichismo. O nosso objetivo é analisar quais concepções e mensagens se manifestam na narrativa quadrinizada de O Deus Dinheiro.

Maguma, nome artístico de Marcos Guardiola, ilustrador e autor de diversas obras, tendo iniciado sua carreira na Quarta Página, do Jornal El País (Espanha). Em *O Deus Dinheiro* (2018), ele formalmente, uniu o contexto local da Índia, onde fazia residência artística na editora Tara Books, com elementos visuais dessa sociedade, e com influências artísticas como as de Bosch, arte pop e para além da forma acrescentou sua concepção política influenciada pelo marxismo.

*O Deus Dinheiro* foi publicado no Brasil pelo selo Boitatá, da editora Boitempo, em 2018. É uma narrativa quadrinizada sobre a sociedade capitalista que enfatiza a força do dinheiro, baseada em extratos dos *Manuscritos de Paris*, de Karl Marx. Além disso, o ilustrador se inspira também no conto bíblico da Queda, para criar um mundo imagético dominado pelo Deus Dinheiro.

Essa obra será o nosso foco analítico e assim buscaremos analisar a mensagem transmitida por ela. Para concretizar esse objetivo, partimos da análise social dos quadrinhos fundamentada no método dialético (MARX, 1983a; VIANA, 2006) e materialismo histórico (MARX e ENGELS, 1982; VIANA, 2007). Do método dialético extraímos a ideia de totalidade, o que significa analisar a obra como um todo (textos, imagens, valores, etc.) e inserida numa totalidade mais ampla (o autor e suas concepções, elementos culturais relacionados ao marxismo, etc.). Do materialismo histórico extraímos uma determinada compreensão de histórias em quadrinhos, narrativa quadrinizada, com suas especificidades, e como elas se relacionam com mensagens, valores, concepções, etc.

O processo analítico será realizado a partir de como Maguma interpreta a concepção marxista em sua narrativa quadrinizada e confrontar ela com a teoria de Marx nos *Manuscritos de Paris*. Assim, apresentamos a narrativa quadrinizada de Maguma e os elementos que mostram sua interpretação da obra de Marx e realizamos sua confrontação com a teoria deste autor. A partir desse processo de confrontação, podemos concluir se a obra de Maguma expressa realmente o que foi desenvolvido por Marx na obra *Manuscritos de Paris*. Esse procedimento analítico lança mão das imagens e textos selecionados por Maguma, que permitem identificar sua interpretação e assim confrontá-la com a concepção de Marx.

## **O PROCESSO ANALÍTICO DE CONFRONTAÇÃO**

A obra de Maguma, *O Deus Dinheiro*, não é uma história em quadrinhos e sim uma narrativa quadrinizada. Nesse esteio, faz-se necessário distinguir histórias em quadrinhos de quadrinhos (VIANA, 2014). As histórias em quadrinhos são uma forma de arte e por isso constituem “universos ficcionais”<sup>1</sup>. No entanto, os elementos formais das histórias em quadrinhos podem ser utilizados sob forma não figurativa, não ficcional. Por exemplo, uma histórias em quadrinhos da Turma da Mônica é ficcional, mas o uso desses personagens numa campanha publicitária de caráter educacional, não é. Nesse sentido, as histórias em quadrinhos constituem universos ficcionais e os quadrinhos não e estes podem assumir várias formas. Uma dessas formas são as biografias quadrinizadas (tais como já fizeram de Lima Barreto, Machado de Assis, etc.) ou teorias quadrinizadas (como “*O Capital em Quadrinhos*”, “*Manifesto Comunista em Quadrinhos*”). Outra forma é uma “narrativa quadrinizada”, ou seja, quando se realiza uma narrativa (seja fundamentada em obras teóricas, jornalísticas, etc.) usando os quadrinhos e seus recursos formais para tal. A narrativa quadrinizada ou ilustrada é formalmente semelhante com as histórias em quadrinhos, mas seu conteúdo é distinto por seu caráter não-ficcional.

Esclarecido esse aspecto teórico mais geral sobre o caráter da obra de Maguma, podemos passar para a análise da mensagem contida em *O Deus Dinheiro*. Utilizamos o processo analítico da confrontação. Confrontamos a interpretação de Maguma com a obra de Marx, *Manuscritos de Paris*, usando, por vezes, de outras obras e elementos para complementar a análise. Esse processo analítico nos permitirá ver as diferenças entre ambas as obras. Nesse processo analítico é fundamental entender a concepção de Marx apresentada em sua obra e por isso apresentaremos alguns comentários sobre a mesma para clarificar o seu significado e permitir a confrontação com a interpretação de Maguma. A narrativa quadrinizada de Maguma, por sua vez, como será analisada, será simultaneamente

---

<sup>1</sup> Entendemos arte como sendo uma “expressão figurativa da realidade” (VIANA, 2007) e isso significa que é uma forma específica de expressar a realidade, ou seja, a forma figurativa, o que significa que remete ao plano ficcional. Assim, é possível usar os mesmos procedimentos formais de uma arte mas não ser ficcional, o que significa que não é artístico. Desta forma, o filme é arte, mas o documentário não é, para citar um exemplo próximo (VIANA, 2012a).

apresentada e de forma mais detalhada, por ser extremamente curta e possuir poucas páginas. Iniciaremos, então, como uma breve apresentação da obra de Maguma e depois faremos uma breve reflexão sobre os *Manuscritos de Paris*, de Karl Marx.

Maguma realiza uma narrativa quadrinizada, e para tal utiliza trechos dos *Manuscritos de Paris*, de Karl Marx (1983), e usa elementos adicionais do conto bíblico da queda. O conto bíblico da Queda retrata a história de Adão e Eva que, apesar dos avisos de Deus, comem o fruto da árvore do conhecimento sob influência de uma serpente e assim são expulsos do Paraíso, cometendo o pecado original e gerando a “queda”, momento a partir do qual o ser humano deixa de estar integrado na natureza e com suas necessidades satisfeitas e passa a ter que viver “com o suor do seu trabalho”.

A obra é uma apresentação de trechos dos *Manuscritos de Paris*, de Karl Marx, acompanhada por ilustrações de Maguma. Este texto de Marx é o primeiro no qual ele trata de forma mais profunda os chamados “assuntos econômicos”, como trabalho, dinheiro e propriedade<sup>2</sup>. Foi escrito em 1844, considerado por alguns como um “escrito de juventude”<sup>3</sup>, no qual ele anuncia questões que serão desenvolvidas posteriormente, efetiva a crítica do trabalho alienado e começa a desenvolver as bases do materialismo histórico.

Desta forma, à primeira vista, a mensagem presente na narrativa quadrinizada de Maguma é apenas uma transcrição do que Marx afirmou nessa obra. Porém, três problemas emergem nesse contexto: 1) o texto de Marx, em sua totalidade, é palco de polêmicas e múltiplas interpretações; 2) ao selecionar trechos e ilustrá-los, Maguma seleciona, interpreta e repassa uma determinada mensagem; 3) ele, ao ilustrar, traz novas mensagens presentes nas ilustrações.

Os *Manuscritos de Paris* é uma obra polêmica e com diversas interpretações, especialmente em relação ao conceito de alienação. Alguns interpretam a alienação como um fenômeno da consciência, tal como na filosofia hegeliana, o que se aproxima da questão

---

<sup>2</sup> Antes disso ele havia abordado a questão do roubo de lenha em dois artigos em Gazeta Renana.

<sup>3</sup> O suposto “corte epistemológico” entre um “jovem Marx” e um “Marx da maturidade” é uma invenção althusseriana (ALTUSSER, 1979) sem base nos escritos e evolução intelectual de Marx e por isso discordamos dessa tese (VIANA, 2008).

do fetichismo, estranhamento, idolatria, alienismo (mental)<sup>4</sup>. A tradução para outros idiomas, especialmente o português, cria dificuldades, pois Marx usa três palavras e todas foram traduzidas como “alienação”, por supostamente não ter correspondente em idioma português. Outros, após Mészáros (1981) ter chamado atenção para isso, passaram a realizar traduções usando outras palavras. Isso permitiu a arbitrariedade de tradutores, ao escolher palavras que mais se aproximam de sua interpretação, como o caso do “estranhamento”, uma interpretação idealista de Marx e do conceito de alienação<sup>5</sup>.

O que significa “alienação” em Marx? O conceito de alienação em Marx só pode ser compreendido derivado de sua discussão sobre o trabalho alienado (MARX, 1983), que é uma relação social, entre aqueles que controla o processo de trabalho, a atividade do trabalho, e, por conseguinte, se apropriam do produto desse trabalho, e os trabalhadores, submetidos a este controle e perda do produto do seu próprio trabalho. Marx discute o trabalho alienado para explicar a gênese da propriedade privada. Assim, tal como Locke (1978), Marx relaciona trabalho e propriedade privada, mas, diferentemente do liberal inglês, observa o processo de alienação no qual o produtor perde a propriedade para o não-produtor e, posteriormente, retomará essa questão em *A Ideologia Alemã* (MARX; ENGELS, 1982), usando o termo exploração (de classe).

## **CONFRONTANDO MAGUMA E MARX**

Qualquer um que queira “quadrinizar” os *Manuscritos de Paris* (ou qualquer outra obra teórica, apesar dessa ser uma das mais polêmicas existentes) o fará a partir de sua interpretação e esta pode ser equivocada. Por isso, é importante estabelecer uma análise de qual é a interpretação de Maguma e o que Marx realmente disse. No fundo, a questão fundamental dos *Manuscritos* desaparecem na opção pelo dinheiro realizada por Maguma. O trabalho alienado é simplesmente deixado de lado e em seu lugar aparece o “Deus dinheiro” como mais importante.

---

<sup>4</sup> Não poderíamos aqui apresentar todas as interpretações dessa obra e do conceito de alienação, mas basta recordar algumas polêmicas e exposições para ver isso (FROMM, 1983; MANDEL, 1968; HARRINGTON, 1977; VIANA, 2012b; MÉSZÁROS, 1981).

<sup>5</sup> É a tradução publicada pela editora Boitempo.



Ademais, os trechos selecionados por Maguma remetem à questão do dinheiro, que nunca foi central para Marx (nem nos *Manuscritos* (1983a), *Contribuição à Crítica da Economia Política* (1983b), nem em *O Capital* (1988) e outras obras). A mensagem que Maguma repassa com seu recorte e ilustração é a força do dinheiro. Sem a discussão sobre trabalho alienado, propriedade, etc., que estão nas outras partes dos *Manuscritos*, é impossível compreender o significado do dinheiro nessa obra. No epílogo de V. Geeta, da editora Tara Books, afirma que houve um aprofundamento do pensamento de Marx, mas essa afirmação não é de autoria de Maguma e, portanto, não expressa um elemento interpretativo da obra e também não trata dos outros elementos já presentes nos *Manuscritos* que são mais importantes do que a questão do dinheiro.

A centralidade do dinheiro na interpretação de Maguma é repassada não apenas nos trechos selecionados, mas também no título da obra (*O Deus Dinheiro*), no tema da “queda” e no uso metafórico da figura de Deus. O título da obra aponta para o foco (o dinheiro) e o seu significado (um “deus”) e, portanto, sua supervaloração. O uso metafórico de Deus e da religião para explicar o dinheiro e seu significado é uma concepção fetichista, que foi criticada por Marx (1988) quando tratou do “fetichismo da mercadoria”, em *O Capital*.

Ilustração 01:  
A força divina do dinheiro



**5<sup>as</sup>** JORNADAS INTERNACIONAIS DE  
**HISTÓRIAS EM  
QUADRINHOS**  
**22 a 24 de agosto de 2018**  
Escola de Comunicações e Artes da USP

O trecho acima aponta para uma concepção fetichista e não-marxista do dinheiro. O foco apenas no item do dinheiro acaba fazendo dele o elemento central da narrativa. Ao colocar “a força divina do dinheiro” e depois “o dinheiro é a habilidade alienada da



humanidade” mostra uma interpretação que fornece centralidade ao dinheiro e que lhe fornece poder sobre-humano.

Ilustração 02:  
O poder do dinheiro

O trecho acima não coloca a gênese do dinheiro, apenas o seu poder. Assim, ele parece ser “agente”, ter vida própria, como na consciência fetichista. O fetichismo da mercadoria é comparável ao processo de criação de idolatria, um fenômeno da consciência. Logo, ao não colocar as bases reais, sociais, do dinheiro, Maguma realiza um fetichismo do



dinheiro. O foco apenas no item do dinheiro acaba fazendo dele o elemento central da narrativa.

A ilustração abaixo torna isso ainda mais evidente:

Ilustração 03:  
O dinheiro como inversão



Ao colocar o trecho que afirma que o dinheiro transforma as forças essenciais humanas em quimera e que realiza “a inversão de todas as qualidades humanas” sem colocar que isso é no mundo nebuloso da ilusão, da aparência, Maguma acaba reforçando a própria imagem ilusória da realidade e a transformando em substituto da realidade verdadeira.

Assim, chegamos a mais um aspecto da análise da narrativa quadrinizada de Maguma. Trata-se de sua ilustração que acompanha trechos dos *Manuscritos de Paris* e que ajudam a compreender a mensagem que ele repassa. As ilustrações de Maguma apresentam o seu “modo de retratar” o seu “modo de ver” (VIANA, 2017). Todo e qualquer



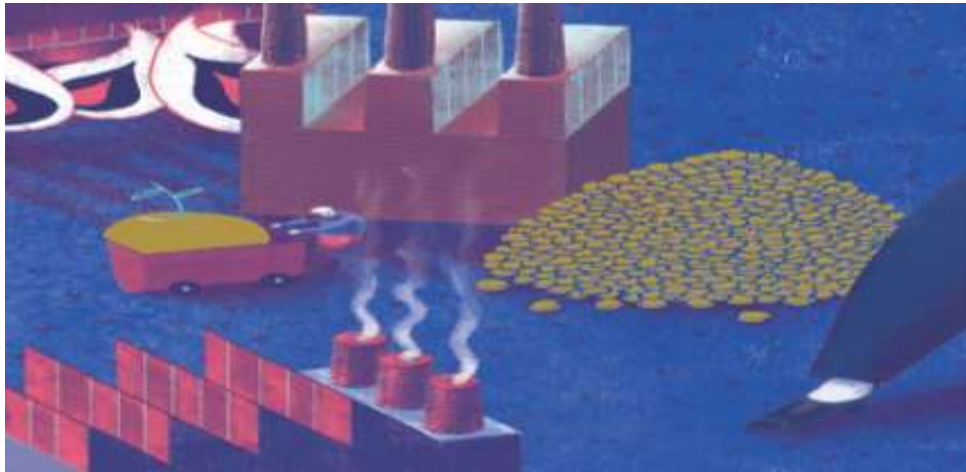
quadrinista, ilustrador, desenhista, ao realizar o seu trabalho, retrata a realidade. E como retratam a realidade? Da forma como a percebem. Assim, existe um modo de ver a realidade, bem como coisas parciais no seu interior. Essa análise foi produzida para discutir a questão do modo de ver e retratar imagens, mas pode ser ampliada para os modos de retratar textos, obras, teorias, etc. Maguma apresenta uma interpretação dos *Manuscritos de Paris*, que pode ser considerado algo semelhante ao modo de ver, e, assim, quando ele ilustra os trechos que ele selecionou, apresenta um modo de retratar.

Desta forma, a partir de sua interpretação, ele apresenta suas ilustrações. Ao apresentar um “modo de retratar”, passa uma mensagem, e a ilustração influencia a percepção da imagem e vice-versa. Assim, como colocamos no início, as suas ilustrações mostram diversas influências artísticas, tais como as de Bosch e arte pop e também elementos visuais da Índia. Ao lado disso, determinada interpretação do texto de Marx e o uso de um conto bíblico. Uma vez entendendo esses elementos, sendo que as influências artísticas e elementos visuais da Índia possuem efeito meramente formal, então os elementos fundamentais são a questão da interpretação do texto de Marx, que já abordamos, e que podem ser vistos nos trechos selecionados, e o uso do conto bíblico.

No entanto, as ilustrações apontam para a reprodução de determinada interpretação e reforçam a interpretação do leitor e, por isso, podem ser analisadas em seu efeito interpretativo. Com esse objetivo vamos apresentar algumas ilustrações e realizar sua análise para descobrir a mensagem por detrás das ilustrações e seu efeito interpretativo. A ilustração 02 mostra o vínculo entre capitalista e dinheiro, o que é parcialmente correto, mas oculta o trabalho (alienado e produtor de mais-valor). Os trabalhadores aparecem secundariamente e como escravos do dinheiro. Abaixo destacamos o trecho da ilustração na qual aparece o trabalhador:

**5<sup>as</sup>** JORNADAS INTERNACIONAIS DE  
**HISTÓRIAS EM  
QUADRINHOS**  
**22 a 24 de agosto de 2018**  
Escola de Comunicações e Artes da USP

Ilustração 04:  
O trabalhador como escravo do dinheiro



A ilustração seguinte mostra que mesmo quando a propriedade (termo que depois é substituído por modo de produção e relações de produção nas obras posteriores de Marx) aparece, é apenas para ressaltar o problema do ter e do consumismo.

Ilustração 05:  
A queda e a propriedade



A propriedade privada nos faz tão cegos e tolos que um objeto só é nosso quando o temos – quando ele existe para nós como capital.

Ou quando é por nós imediatamente possuído, usado, bebido, vestido, habitado etc. – enfim, quando é por nós usado.

A ilustração 05 mostra a “queda” (equivalente ao momento de domínio do dinheiro), como se fosse o domínio do ser humano sobre a natureza e a posse/consumo dos bens naturais (maça, madeira, etc.). A macieira cercada é a origem da propriedade privada. Essa interpretação de Marx retratada na ilustração é muito mais rousseauiana que marxista. O trabalho, elemento fundamental dos *Manuscritos de Paris*, não aparece. A união com o conto bíblico da queda gera uma ilustração individualista e mais próxima do liberalismo que do marxismo.

As ilustrações reforçam o vínculo com a divindade, a queda, etc., reforçando uma interpretação fetichista do dinheiro e do seu significado. Ou seja, não apenas o processo de seleção de trechos e os próprios trechos, mas também as ilustrações reforçam aquilo que supostamente buscava-se combater: o fetichismo do dinheiro.

Nesse sentido, chegamos ao final da confrontação da obra de Maguma e Marx. Essa confrontação, no entanto, só é possível recordando o elemento fundamental dos *Manuscritos de Paris*, que apresenta sua concepção. A obra *Manuscritos de Paris* é uma das primeiras obras de Marx a partir do materialismo histórico e onde ele já apresenta a questão da relação entre propriedade e trabalho numa perspectiva crítica e através do conceito de alienação. Portanto, o objetivo dessa obra é mostrar que o ser humano está submetido à alienação, que é uma recusa da essência humana (MARX, 1983a; VIANA, 2017). Marx apresenta a tese de que o trabalho é uma essência humana, pois é autorrealização através do desenvolvimento de suas energias físicas e mentais, de suas potencialidades. Posteriormente, ele entenderá esse trabalho como práxis e, em *O Capital*, irá colocar como trabalho teleológico consciente (MARX, 1988). Se o trabalho como objetivação é parte da essência humana (ao lado da socialidade, ou seja, o ser humano realiza o trabalho através da cooperação, é um ser social), então a sua transformação em trabalho alienado é uma recusa da natureza humana. Assim, é necessário superar a alienação para se concretizar a emancipação humana<sup>6</sup>. Essa é a questão essencial dos *Manuscritos de Paris*, tal como se pode ver no trecho abaixo:

---

<sup>6</sup> A emancipação humana é a preocupação fundamental da obra de Marx e por isso ele defende a ideia de que uma revolução dos trabalhadores liberta toda a humanidade e não apenas estes. O proletariado ao se emancipar, abole as classes, a exploração, a alienação, e gera uma sociedade humanizando, libertando toda a



Da relação do trabalho alienado com a propriedade privada também decorre que a emancipação da sociedade da propriedade privada, da servidão, assume a forma política de emancipação dos trabalhadores; não no sentido de só estar em jogo a emancipação destes, mas por essa emancipação abranger a de toda a humanidade. Pois toda servidão humana está enredada na relação do trabalhador com a produção e todos os tipos de servidão são somente modificações ou consequência dessa relação (MARX, 1983a, p. 100).

Assim, fica evidente que o essencial para Marx e, por conseguinte, em sua obra *Manuscritos de Paris*, é o trabalho, entendido sobre a forma humanizada, como práxis, e como forma desumanizada, como alienação. É por isso que Marx deriva a propriedade do trabalho alienado e esse é o eixo fundamental de sua obra:

Até aqui consideramos a alienação do trabalhador somente sob um aspecto, qual seja o de sua relação com os produtos de seu trabalho. Não obstante, a alienação aparece não só como resultado, mas também como processo de produção, dentro da própria atividade produtiva. Como poderia o trabalhador ficar numa relação alienada com o produto de sua atividade se não se alienasse a si mesmo no próprio ato da produção? O produto é, de fato, apenas o *résumé* da atividade, da produção. Consequentemente, se o produto do trabalho é alienação, a própria produção deve ser alienação ativa – alienação da atividade de alienação. A alienação do objeto de trabalho simplesmente resume a alienação da própria atividade do trabalho (MARX, 1983a, p. 93).

Os *Manuscritos de Paris* tematizam, fundamentalmente, o trabalho alienado. A parte sobre o dinheiro é uma parte de importância secundária. O trabalho alienado, e não o dinheiro, é a questão fundamental nos *Manuscritos de Paris*. A obra de Maguma, como mostramos anteriormente, realiza uma interpretação dos *Manuscritos* extremamente problemática. Apontamos três elementos que mostram a interpretação de Maguma: o elemento formal do título e recorte, o elemento interpretativo nas frases e afirmações textuais e o elemento interpretativo das ilustrações apresentadas por Maguma. O título é claro: “*O Deus Dinheiro*” e o recorte também: a narrativa oferece uma centralidade ao dinheiro e gira em torno dele. As frases e afirmações, que expusemos através dos trechos apresentados, mostram a centralidade do dinheiro, que aparece como um “Deus”, como um agente e não como um mero resultado de relações sociais, especialmente do trabalho alienado. As ilustrações também reforçam essa conclusão, pois ocultam o trabalho, o elemento fundamental dos *Manuscritos de Paris*. Esses elementos demonstram que um

---

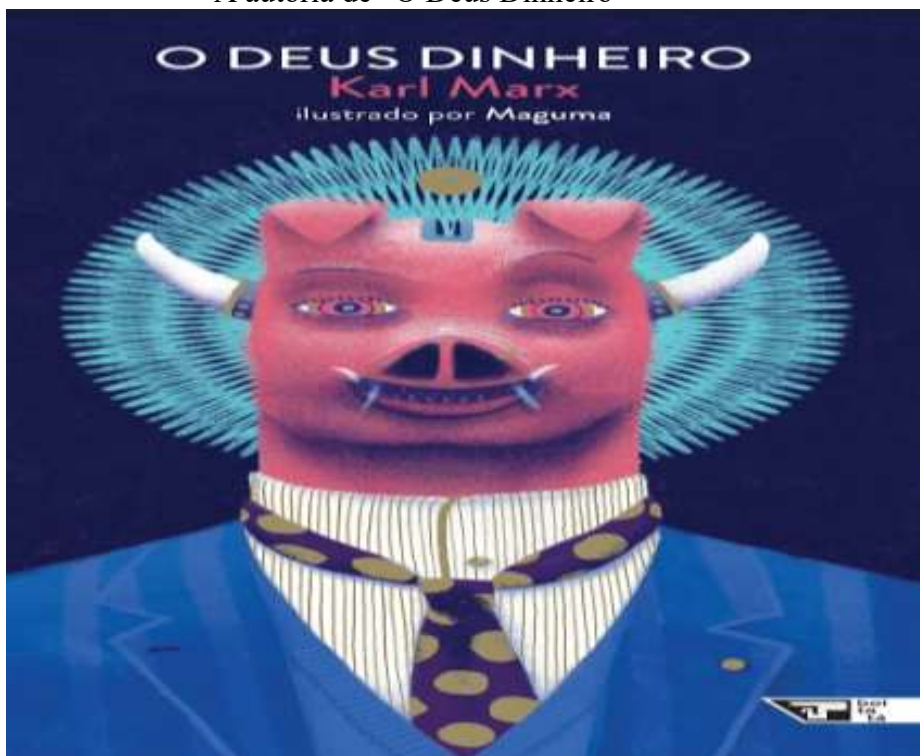
humanidade. Esse é o eixo fundamental de toda sua obra, desde os primeiros escritos a partir do materialismo histórico (quando ele se aproxima do socialismo de sua época) até seus últimos textos, incluindo *O Capital* (VIANA, 2017).

confronto entre a concepção de Marx e a interpretação de Maguma mostra uma incompreensão (e como ela foi repassada via narrativa quadrinizada, então se torna uma deformação) da obra do pensador alemão.

## CONCLUSÃO

Os quadrinhos de Maguma apresentam uma interpretação do texto de Marx que é reproduzida em sua narrativa quadrinizada. A concepção aponta para o domínio do dinheiro como elemento fundamental, expressando uma concepção fetichista e não marxista. Nesse sentido, *O Deus Dinheiro* não é uma autoria de Marx, como aparece no título dos quadrinhos, e sim uma deformação dela. Da mesma forma, Maguma não é apenas um ilustrador dos quadrinhos, ele é o seu autor, pois intérprete e ilustrador de sua própria interpretação. Assim, ele é autor e ilustrador.

Ilustração 06:  
A autoria de “O Deus Dinheiro”



A crítica do dinheiro, em Marx, remete à crítica do capital e do seu significado (relação de produção capitalista, entre duas classes fundamentais, uma produtora de mais-

valor e outra apropriadora) e não pode ser isolada, sob pena de deformação. Não é possível compreender a análise que Marx faz nos *Manuscritos* sobre o dinheiro deixando de lado sua análise do trabalho alienado e sua relação com a propriedade privada. Da mesma forma, nas obras posteriores em que Marx analisa novamente o dinheiro, não é possível entender o significado deste em sua análise do capitalismo sem uma compreensão da mercadoria, do trabalho assalariado, do mais-valor, do capital, da acumulação de capital. Complementarmente, a análise do fetichismo da mercadoria e sua compreensão é fundamental, sob pena de se reproduzir o que está sendo criticado.

O dinheiro aparecendo com algo “dado”, com “vida própria”, como um “deus” significa fetichismo do dinheiro, o exato oposto que Marx desenvolveu em suas obras. Sem dúvida, é possível apresentar a interpretação segundo a qual Maguma queria mostrar justamente o fetichismo do dinheiro. Seria uma interpretação forçada e sem maior fundamentação, pois, mesmo nesse caso, seria necessário anunciar que se retratava não o poder do dinheiro e sim o fetichismo do dinheiro e mostrar o seu domínio aparente em contraste com sua realidade.

Uma coisa é afirmar “o dinheiro, no mundo das ideias, se torna a força real que determina a realidade”, outra coisa é afirmar “o dinheiro se torna a força real que determina a realidade”. Em síntese, através da análise do título da obra, dos trechos selecionados de Marx, das ilustrações de Maguma, chegamos à conclusão de que sua obra é uma interpretação equivocada da análise de Marx sobre o dinheiro e que inverte a concepção deste pensador. Assim, a crítica do fetichismo do dinheiro se torna uma reafirmação desse mesmo fetichismo. A inversão que Marx realiza em relação à percepção do dinheiro é invertida (ou reinvertida) por Maguma e se transforma numa concepção fetichista do dinheiro. Desta forma, a aventura de Karl Marx contra o Deus Dinheiro poderia ter sido uma exposição da luta contra o fetichismo do dinheiro e, no fim, através da comparação entre o pensamento deste autor e a obra de Maguma, acabou se revelando uma luta de Marx contra a interpretação deformante do quadrinista.



## REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. **A Favor de Marx**. 2ª edição, Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- FROMM, Erich. **O Conceito Marxista do Homem**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- HARRINGTON, Michael. **O Crepúsculo do Capitalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.
- LOCKE, John. **Segundo Tratado sobre o Governo Civil**. Col. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- MAGUMA. **O Deus Dinheiro**. São Paulo: Boitatá, 2018.
- MANDEL, Ernst. **A Formação do Pensamento Econômico de Karl Marx**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
- MARX, Karl. **Contribuição à Crítica da Economia Política**. 2ª edição, São Paulo: Martins Fontes, 1983b.
- MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. In: FROMM, Erich. **O Conceito Marxista do Homem**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983a.
- MARX, Karl. **O Capital**. 5 vols. 1, 3ª edição, São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã (Feuerbach)**. São Paulo: Ciências Humanas, 1982.
- MÉSZÁROS, István. **Marx: A Teoria da Alienação**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- VIANA, Nildo. A Alienação Como Relação Social. **Revista Sapiência** (UEG). Vol. 01, num. 02, 2012a.
- VIANA, Nildo. **A Consciência da História**. Ensaios sobre o Materialismo Histórico-Dialético. Rio de Janeiro: Achiamé, 2007.
- VIANA, Nildo. **A Esfera Artística**. Marx, Weber, Bourdieu e a Sociologia da Arte. Porto Alegre, Zouk, 2007.
- VIANA, Nildo. Análise Pictórica, Modos de Ver e Modos de Retratar. **Revista Poeticus**. Vol. 4, num. 7, jan./jun. 2017.



VIANA, Nildo. As histórias em quadrinhos como forma de arte. **Revista Ciências Humanas**, vol. 4, num. 11, 2014.

VIANA, Nildo. **Cinema e Mensagem**. Análise e Assimilação. Porto Alegre: Asterisco, 2012b.

VIANA, Nildo. **Escritos Metodológicos de Marx**. Goiânia: Alternativa, 2006.

VIANA, Nildo. **Karl Marx: A Crítica Desapiedada do Existente**. Curitiba: Prismas, 2017.

VIANA, Nildo. O Jovem Marx e o Marxismo. In: **O Fim do Marxismo e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Giz Editorial, 2008.